



**APROPRIAÇÃO/RESSIGNIFICAÇÃO DA DOCTRINA DA
TRANSMIGRAÇÃO DAS ALMAS DA TRADIÇÃO MÍTICO-
FILOSÓFICA ANTIGA POR PARTE DO ESPIRITISMO, NA
MODERNIDADE**

**EDSON GONÇALVES SILVA¹ E
MARCOS ROBERTO NUNES COSTA²**

RESUMO: Não obstante a doutrina espírita se apresente como um pensamento novo, pelas principais teses que defende, nomeadamente aquela de uma suposta transmigração dos espíritos, que nela recebe o nome moderno de “reencarnação”, quem conhece o pensamento produzido pela tradição mítico-filosófica antiga é levado a suspeitar que ela não é tão original quanto se pensa. Antes, pelo contrário, se apropriou ou foi influenciada por esta tradição, especialmente na sua vertente órfico-pitagórica-platônica, dando-lhe uma nova versão. Daí defendermos que há uma “apropriação/ressignificação da doutrina da transmigração das almas da tradição mítico-filosófica antiga”, notadamente da vertente órfico-pitagórico-platônica, por parte do espiritismo, na modernidade.

PALAVRAS-CHAVE: Transmigração das almas/espíritos. Metempsicose. Reencarnação. Orfismo. Pitagorismo. Platonismo. Espiritismo kardeciano.

ABSTRACT: Notwithstanding the Spiritist doctrine presents itself as a new thought, due to the main theses it defends, namely that of a supposed transmigration of spirits, which in it receives the modern name of "reincarnation", those who know the thought produced by the mythical-philosophical tradition old is led to suspect that, in this respect, it is not as original as one thinks, on the contrary, that it has been appropriated or influenced by this tradition, especially in its orphic-pythagorean-platonic aspect, giving it a new version. Hence, we defend, therefore, that there is, at the same time, an “appropriation/resignification of the doctrine of the transmigration of souls from the ancient mythical-philosophical tradition”, notably from the orphic-pythagorean-platonic branch, by Spiritism, in modernity.

KEYWORDS: Transmigration of souls/spirits. Metempsychosis. Reincarnation. Orphism. Pythagoreanism. Platonism. Kardetian spiritism.

De todos os aspectos que envolvem a existência humana, não resta dúvida que um dos que mais nos intriga e nos interessa é a possibilidade (ou o desejo) de continuarmos existindo

¹ Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: edsonsilva.filo@gmail.com.

² Professor efetivo do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail: macosnunescosta@hotmail.com.

no pós morte, motivo pelo qual esta questão passou a ser objeto de estudo de diversas áreas do conhecimento, especialmente da filosofia e da teologia.

Dentre as diversas hipóteses apresentadas como possibilidade de que esse desejo seja possível está a ideia de uma transmigração das almas/espíritos, que permeia toda a história da humanidade desde os tempos mais remotos até hoje. Resta-nos saber qual a linha de continuidade/descontinuidade dada como resposta a esta questão pelas sucessivas correntes de pensamentos ao longo dos tempos. Como num simples artigo não podemos esgotar o assunto, examinando todas as correntes de pensamento que dele trataram, limitamo-nos a investigar aqui, mediante análise comparativa até que ponto houve uma “apropriação/ressignificação da doutrina da transmigração das almas da tradição mítico-filosófica antiga, por parte do espiritismo, na modernidade”, ou em que estes convergem e divergem.

Outrossim, adiantamos que não é intenção nossa discutirmos aqui acerca da veracidade das proposições anunciadas pelos sistemas doutrinários em pauta, muitas delas postas como dados de fé, mas tão somente fazemos uma análise racional do que nelas está exposto, comparando-as enquanto sistemas, tirando possíveis consequências lógicas.

1 Origens remotas da doutrina da transmigração das almas no período mítico anterior à filosofia grega

Uma primeira origem remota da ideia de transmigração das almas é geralmente atribuída ao orfismo, acerca do qual, concretamente, pouco se sabe, apenas que surgira em algum lugar do Oriente a partir dos séculos V-IV a.C., mesmo assim nada confiável. Ao que tudo indica, teria surgido com o mito de Orfeu³, poeta da Trácia, filho do deus Apolo e da musa Calíope, em torno do qual fora construída uma doutrina mítica resumida por Giovanni Reale e Dário Antiseri nos seguintes princípios:

³ Anna Maria Casoretti assim descreve, resumidamente, o mito de Orfeu: “O mito relacionado a Orfeu nos conta que Orfeu foi o poeta e músico mais talentoso que já viveu. Quando tocava sua lira, todos os animais paravam para escutar seus sons. Orfeu apaixonou-se por Eurídice, a mais bela mulher existente, e com ela se casa. Mas, picada por uma serpente, Eurídice morre. Orfeu fica transtornado de tristeza. Decide ir até o Mundo dos Mortos, o Hades, para tentar trazê-la de volta. A canção pungente e emocionada de sua lira alivia os tormentos dos condenados. Encontra muitos monstros durante sua jornada, e os encanta com seu canto. Ao chegar diante da deusa Perséfone, esta, comovida, permite que Eurídice volte com Orfeu ao Mundo dos Vivos. Mas, com uma única condição: que ele não olhasse para ela até que ela, outra vez, estivesse à luz do sol. Mas ele, ao atingir a luz do sol, se vira, para certificar-se que Eurídice o estava seguindo. Enquanto ele a olha, ela se torna de novo um fino fantasma, com seu grito final de amor e pena ecoando pelo Mundo dos Mortos e pelo Mundo dos Vivos. Ele a havia perdido para sempre. Em desespero total, Orfeu se retira e se isola do mundo, vivendo casto até o resto de seus dias. Torna-se, então, um sábio conselheiro para todos os desesperados, atormentados pelas ilusões da vida” (2011, p. 23, nota 12).

- a) No homem hospeda-se um princípio divino, um *daimón* (alma) que caiu em um corpo por causa de uma culpa originária.
- b) Esse *daimón* não apenas preexiste ao corpo, mas também não morre com ele, pois está destinado a reencarnar-se em corpos sucessivos, a fim de expiar aquela culpa originária.
- c) Com seus ritos e práticas, a "vida órfica" é a única que pode pôr fim ao ciclo das reencarnações e, assim, libertar a alma do corpo.
- d) Para quem se purificou (os iniciados nos mistérios órficos) há um prêmio no além (da mesma forma que há punições para os não iniciados) (2003, p. 9).

Princípios estes que, desde o orfismo, se fazem presentes, de uma forma ou de outra, em todas as correntes de pensamento que defenderão a ideia de transmigração das almas ao longo dos tempos até os dias atuais, com adaptações pontuais ou ressignificações.

Outra notícia que também corrobora com a doutrina órfica da transmigração das almas, desta feita introduzindo a ideia de uma metempsicose⁴, nos é dada por Heródoto (480-420 a.C.), que em sua *História*, II, 123, assim diz em um de seus escritos acerca do que pensavam os Egípcios:

Foram ainda os Egípcios que, por primeiro, disseram que a alma humana é imortal; que, quando o corpo morre, ela vem morar em outro ser vivo, recém-nascido. Disseram ainda que, *depois de ter percorrido (periélthê) todas as espécies terrestres, aquáticas e aéreas, ela vem novamente a se instalar no corpo humano* (apud SPINELLI, 2013, p.738).

Por fim, outro movimento místico que também esteve nas origens da ideia de transmigração das almas é o Hinduísmo, onde, segundo Paulo Cavalcante e Maria Gnerre, comentando um de seus poucos escritos, o *Bhagavad-gita*⁵,

⁴ A doutrina da transmigração das almas no mundo antigo parece sinônima de metempsicose [*metempsychôsis*] ou, as vezes de metensomatose, entendidas como o retorno da alma para outros corpos, com a diferença de que enquanto na metempsicose entende-se que a transmigração da alma [*psykhé*] pode acontecer em diversos tipos de corpos, não só humanos, também animais e vegetais, na metensomatose não só a alma, mas também o corpo [*sôma*], transmigra, havendo o ressurgimento do homem todo, ou seja de corpo e alma. Teoria esta que não logrou sucesso, uma vez que a concepção original era de que apenas a alma é imortal. Mas a metensomatose também não se confunde com o conceito de ressurreição da tradição judaico-cristã, onde o corpo ("corpo restaurado ou espiritual") e a alma reaparecerão, ou se unirão novamente, apenas uma vez, no Juízo final, no Fim dos tempos, e não em vidas sucessivas, em outros corpos, como na metempsicose antiga e mais tarde na reencarnação do espiritismo moderno, como diz o próprio Allan Kardec em sua obra *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, ao mostrar a diferença entre ressurreição e reencarnação: "Com efeito, a *ressurreição* dá ideia de voltar à vida o corpo que já está morto, o que a Ciência demonstra ser materialmente impossível, sobretudo quando os elementos desse corpo já se acham desde muito tempo dispersos e absorvidos. A *reencarnação* é a volta da alma ou Espírito à vida corpórea, mas em outro corpo especialmente formado para ele e que nada tem de comum com o antigo" (KARDEC, *ESE*, IV, 4, 2013a, p. 68).

⁵ Obra de 700 versos "que remontam a uma tradição oral do século X a. C." (GNERRE apud CAVALCANTE; GNERRE, 2014, p. 4).

para quem está vivo existe a certeza da morte, e a alma liberta da matéria voltará a nascer. Querendo ou não, crendo ou descrendo neste conceito, segundo estes ensinamentos todos inevitavelmente estão presos neste ciclo de renascimentos, a roda do *samsara* por conta do *karma* (fruto das ações), até o momento em que o *atma* (alma) evolui espiritualmente e consegue a *moksa* (liberação) e liberta-se definitivamente (2014, p. 2)⁶.

Estas especulações míticas preliminares acerca da alma, que buscam dar uma explicação quanto à sua origem, natureza, relação com o corpo e movimento na dinâmica da evolução do universo, irão influenciar consideravelmente a concepção de alma na história da filosofia, a começar pelos primeiros filósofos gregos, conhecidos como pré-socráticos, até atingir Platão, que lhe dará notoriedade e visibilidade, e dele se propagarão pelo Ocidente influenciando diversos pensadores/movimentos filosóficos até os dias atuais, conforme veremos nos tópicos seguintes.

2 A recepção da doutrina da transmigração das almas na filosofia pré-socrática grega

Todos os comentadores afirmam que Pitágoras (570-495 a.C.) foi o primeiro filósofo grego a aderir à doutrina da transmigração das almas⁷, que a teria conhecido em suas andanças pelas terras orientais, onde, provavelmente, teve contato com o filósofo Ferécides de Siro (século VI a. C), conforme suspeita Marcos Damaceno:

É possível que tal relação entre o sírio e seu provável discípulo seja apenas uma relação criada pela proximidade de uma das suas doutrinas, pois alguns defendem que Ferécides teria teorizado acerca da transmigração da alma, como Pitágoras o faz (2017, p. 113).

E tudo indica que houve este contato entre Pitágoras e Ferécides, o que permitiu que alguém assim escrevesse no túmulo desse filósofo: “O pináculo de toda a sabedoria está em

⁶ Além das quatro fontes ancestrais da doutrina da transmigração das almas apresentadas aqui, outros grupos antigos também contribuíram para tal, como, por exemplo, o budismo, o jainismo, o confucionismo, o taoísmo etc., mas que, para não nos alongarmos muito, não iremos comentar aqui.

⁷ A esse respeito diz Giovanni Reale e Dário Antiseri: “Pitágoras parece ter sido o primeiro filósofo a sustentar a doutrina da *metempsychose*, ou seja, a doutrina segundo a qual a alma, devido a uma culpa originária, é obrigada a reencarnar-se em sucessivas existências corpóreas (e não apenas em forma humana, mas também em formas de animais) para expiar aquela culpa. Os testemunhos antigos registram, entre outras coisas, que ele dizia recordar-se de suas vidas anteriores. Como sabermos, a doutrina provém dos órficos” (2003, p. 29). Rodolfo Mondolfo, por sua vez, utiliza-se das palavras de Dicearco, que fora citado por Porfírio, demonstrando a recepção das teses órficas por parte de Pitágoras: “O que ele (Pitágoras) dizia aos seus companheiros ninguém pode dizer com segurança, pois também o silêncio entre eles não era casual. Por outro lado, eram particularmente conhecidas entre todas estas doutrinas: 1) a que afirma ser a alma imortal; 2) que ela transmigra de uma a outra espécie de animais; 3) além disso, que dentro de certos períodos os acontecimentos de uma vez voltam ainda e que nada mais existe de absolutamente novo; 4) que é necessário acreditar que todos os seres vivos sejam parentes entre si. De fato, parece que na Grécia estas crenças foram introduzidas pela primeira vez por Pitágoras” (DICEARCO *apud* PORFÍRIO *apud* MONDOLFO, 1971, vol. I, p. 55).

mim, mas se algo me acontecer diz a meu Pitágoras que ele é o primeiro entre todos na terra helênica. Falando assim não minto” (LAERTIOS *apud* DAMACENO, 2017, p. 113).

O certo é que, retornando de suas viagens ao Oriente, Pitágoras abre uma “Escola” na Itália, onde introduz no conjunto de seus ensinamentos a doutrina da transmigração das almas, na versão órfico-pitagórica, notadamente na linha de uma metempsicose (*metempsychôsis*), que se caracteriza pela concepção de que as almas, em suas transmigrações, podem transladar não só para corpos humanos, mas também para animais e até vegetais⁸. Inclusive, uma pequena sátira, que Diógenes Laercio atribui a Xenófanes de Cólofon (570-460 a.C.), é muito usada para mostrar a presença da metempsicose em Pitágoras, o qual supostamente teria identificado, num cachorro, a presença [encarnação] de um amigo já falecido. Trata-se da seguinte anedota:

Conta-se que um dia, passando perto de alguém que maltratava o seu cão, possuído de compaixão, ele <Pitágoras> pronunciou estas palavras: *Pare de bater! Sua alma, eu a entendo, é aquela de um homem amigo que pude reconhecer na entonação de sua voz* (XENÓFANES *apud* DIÓGENES *Apud* SPINELLI, 2013, p. 738).

E tão logo entrou no Ocidente, a doutrina órfico-pitagórica da transmigração das almas influenciaria outros pensadores, a exemplo de Anaxágoras (V-IV a.C.), mas é com Platão que a mesma ganhou notoriedade e visibilidade, influenciando muitos pensadores depois dele até hoje, de forma que cabe agora analisarmos como este absorveu o mito órfico-pitagórico e até onde o modificou. Eis o que trataremos no próximo tópico.

3 A doutrina da transmigração das almas em Platão: apropriação/ressignificação do orfismo-pitagorismo

No tocante à questão da transmigração das almas, a princípio Platão adere aos pontos básicos da tradição órfico-pitagórica, e, a exemplo desta, recorre também ao uso da mitologia para explicar os problemas a ela correlatos, e suas consequências.

Antes, porém, é necessário analisarmos, em poucas palavras, qual a origem e natureza da alma em Platão, para só depois expormos como e por que a necessidade de ela supostamente vir a se encarnar por uma ou mais vezes e, uma vez encarnada, lutar para se livrar do corpo, mediante um processo de purificação, até encontrar o caminho do retorno a sua pátria ou estado de origem.

Para início de conversa, Platão acredita que o mundo e tudo que nele existe, dentre eles a alma, é eterno, ou faz parte de duas realidades co-eternas, a saber: “mundo das Ideias”

⁸ Comungará desta concepção, por exemplo, mais tarde, no século III, o maniqueísmo.

(inteligível) e “mundo sensível”. O primeiro deles é o mundo das formas perfeitas, junto aos deuses, dentre eles o Demiurgo, que é a personificação etérea do Sumo bem. A este primeiro “mundo pertence a alma, uma força divina que se faz presente tanto no Universo como no todo [macrocosmo], daí Platão e depois os neoplatônicos chamarem esta força universal de “Alma do mundo”, quando nos seres individuais, entre eles o homem [microcosmo], mas trata-se de uma e mesma alma. Em suma, a alma é eterna e incriada, conforme diz o próprio Platão no *Fedro*, depois de demonstrar ser ela o princípio movente de tudo [do Universo e do homem]:

Ora, um princípio constitui algo inato, pois é a partir de um princípio que necessariamente assume existência tudo aquilo que existe, ao passo que o princípio não provém de coisa alguma, pois, se começasse a ser partindo de qualquer outra fonte, não seria princípio. Por outro lado, como não proveio de uma geração, não se encontra sujeita a corrupção, pois é evidente que, uma vez o princípio anulado, jamais poderia gerar-se dele, porque ele é o princípio e tudo provém necessariamente desse princípio [...] *donde se segue necessariamente que alma é simultaneamente incriada e imortal* (PLATÃO, 2000, 244c; 246b – destaque nosso).

No outro “Mundo” - dos sensíveis (material) -, ao contrário, impera a imperfeição, a desordem, a que Platão chama de “massa caótica” [*caos primordial*] e depois Plotino de *Bolo feio*, que como tal também é eterno ou co-eterno como o “Mundo das Ideias”. Daí deus [o Demiurgo], não por vontade própria ou por um ato de amor, como acontece na tradição judaico-cristã, mas por uma necessidade que lhe é própria de imprimir em tudo a ordem e a harmonia, age sobre a *Chora* dando-lhe forma, plasmando ou formando [formatando] os seres antes informes e indeterminados, dentre eles o homem, de forma que a rigor não há propriamente criação em Platão. O Demiurgo não cria a partir do nada ou sem precisar de nada [criação *ex nihilo*], como no pensamento judaico-cristão, mas plasma os seres a partir de uma substância informe pré-existente, co-eterna com ele [a matéria caótica], imprimindo aí suas Ideias perfeitas, conforme vemos no *Timeu*:

[...] e assim, tomando tudo que era visível, que era desprovido de repouso, mas se movia contra as regras e de forma desordenada, conduzi-o da desordem para a ordem [...] coisas visíveis por natureza (PLATÃO, 2011, 30a).

[o Demiurgo] excluiu, pelo seu poder, toda imperfeição, e assim, tomou essa massa visível, desprovida de todo repouso, mudando sem medida e sem ordem, e levou-a da desordem à ordem, pois estimou que a ordem vale infinitamente mais que a desordem (PLATÃO, 2011, 80).

Essa é a ação do deus [o Demiurgo] no mundo, que funciona como que uma “Alma do mundo”, dando-lhe vida e movimento. A alma é, pois, a causa de todas as coisas. E assim como no mundo como um todo [macrocosmo], acontece também com o homem [microcosmo], que

recebe uma alma individual, de natureza inteligível, que se encarna em um corpo para dar-lhe vida e movimento. E como tudo mais, essa alma é pré-existente, uma emanção da grande Alma do mundo, portanto, sendo da mesma natureza dos deuses, é eterna e imortal, daí os órficos e os pitagóricos dizerem que no universo e no homem há algo de divino [um *daimón*]⁹. E como tudo mais que pertence ao mundo sensível, que recebe uma alma [forma], o homem também, com a diferença de ser possuidor de uma alma especial, intelectual, portadora da capacidade de pensar, de livre arbítrio.

Entretanto, se na sua origem a alma pertence ao reino da perfeição, resta explicar o que a torna impura a ponto de, como castigo, cair em um corpo, e, a depender, necessitar transladar por mais de um corpo até encontrar o caminho de volta ao seu estado inicial, que é o segundo ponto que Platão herdou da tradição órfico-pitagórica, apontada por nós no início deste artigo.

Na dificuldade de explicar categoricamente este ponto, no *Fedro*, Platão recorre ao “mito dos cavalos alados”¹⁰, onde, por analogia, diz que, primeiro, a alma,

quando é perfeita e alada, paira nos céus e governa o universo e, quando perde as asas, precipita-se no espaço, tombando em qualquer corpo sólido, onde se estabelece e se reveste com a forma de um corpo terrestre, o qual começa a mover-se, por causa da forma que a alma que está nele lhe transmite (PLATÃO. 2000, 246a).

Na continuidade de sua narrativa mítica, Platão justifica a queda da alma a partir de uma espécie de “luta interna da alma”, ou de “luta das duas vontades”, como dirá mais tarde Santo Agostinho nas *Confissões*, ou como o resultado de uma grande “luta cósmica entre o bem e o mal” que se reflete no homem, a exemplo do que fará mais tarde, no século III d. C., o maniqueísmo, simbolizada no mito de Platão pela luta do cocheiro [a razão] por tentar domar os dois cavalos¹¹. Assim, diz ele que enquanto as almas puras, que foram capazes de dominar os cavalos, mantendo suas asas, continuam contemplando a beleza do “Mundo das Ideias”, as outras, “com efeito, quando, por qualquer causa funesta, se animam de esquecimento e de perversão, tornam-se pesadas, perdem as asas e acabam por cair na terra” (PLATÃO, 2000,

⁹Daí dizer Anastácio Araújo Júnior: “Neste sentido podemos compreender um pequeno trecho do *Fedro*, em que Platão pergunta: ‘[...] Acreditas que seja possível conhecer a natureza da alma sem conhecer o universo?’ (PLATÃO, *Fedro*, 270c)” (1999, p. 41).

¹⁰Ali mesmo Platão justifica sua dificuldade de falar do assunto, a não ser por analogia: “Sobre sua natureza, teremos de dizer o seguinte: o que realmente ela seja, é assunto de todo o ponto divino, que exigiria largas explicações; mas, será bem uma imagem em nosso linguajar humano e de recursos limitados” (PLATÃO, 2000, 246a).

¹¹A esse respeito diz Anastácio Araújo Júnior: “Assim, o conflito entre as diferentes tendências do psiquismo é primordial na constituição humana, pois é através desse conflito fundamental, apresentado por Platão de maneira mítica, que os humanos tornam-se humanos [...]” (1999, p. 67). E mais adiante completa: “[...] uma das coisas mais surpreendentemente modernas dentro da filosofia platônica é precisamente a descoberta da importância do conflito na mente” (*Ibid.*).

248d)¹². E segue fazendo uma gradação hierárquica de almas a serem encarnadas segundo o grau de (im)perfeição, as quais irão gerar nove tipos diferentes de homens (e classes sociais) na terra, que vão do nível mais elevado, filósofo, ao mais decadente, o tirano (*Ibid.*, 248c).

O certo é que, crendo que a alma em sua forma original era pura, mas caiu em desgraça, passando a viver em um corpo, e não só em um, mas sucessivamente em muitos, caso seja necessário (cf. *Fédon*, 80-e; 81 a-e; 107 c-e), Platão passa a ter uma visão negativa do corpo, como cárcere ou túmulo da alma, lugar de castigo pelos erros cometidos anteriormente:

[...] no Hades há um castigo para tais crimes {os crimes cometidos em vida}, e para aqueles que retornam aqui {na Terra} é necessário descontar a pena conforme sua natureza, aquela pela qual alguém paga por aquilo que ele próprio cometeu {em vidas anteriores} (PLATÃO, *Leis*, IX, 870 d-e).

Bem como, Platão adere a Sócrates, quanto ao remédio, o caminho da volta, da purificação, com vista na existência plena da alma no pós morte, no Mundo dos deuses, também chamado por ele de Hiperurânio [o Céu de Platão]¹³, fazendo deste a finalidade última de toda alma vinda [ou caída] neste mundo [uma espécie de salvação], conforme bem diz Evandro Pegoraro e Juliano de Souza:

Ao saber que, para a doutrina platônica, o objetivo do ser humano é purificar sua alma a fim de que retorne ao mundo ideal, todo o agir humano no mundo sensível, sua existência e escolha do mal está relacionado com o modo com que o homem vive a fim de que possa atingir uma vida plena após a morte (2010, p. 20)¹⁴.

¹²Maria Aparecida Montenegro, diz que “o mito reitera metaforicamente a noção já apresentada no *Fédon* (66b e segs.), segundo a qual a ligação com o corpo representaria o aprisionamento da alma, impossibilitando-a de alcançar o alvo de suas aspirações - a verdade. Todavia, cumpre lembrar que, ainda de acordo com o mito, as asas também têm uma natureza própria e esta consiste em conduzir um corpo pesado para cima, na direção da morada dos deuses. Nesse sentido, a alma passa a ser pensada como aquilo que, dentre tudo que participa do corpóreo, mais participa da natureza divina (246 d - e). Por conseguinte, se de um lado a alma humana se reveste não somente de uma constituição compósita e heterogênea, mas, sobretudo, intrinsecamente precária, de outro lado ela tem a chance de se elevar (recuperar as asas) e angariar para si um certo parentesco com a divindade” (2010, p. 5).

¹³Giovanni Reali e Dário Antiseri, dizem que Hiperurânio “significa ‘lugar acima do céu’ ou ‘acima do cosmo físico’ e, portanto, constitui representação mítica e imagem que, entendida corretamente, *indica um lugar que não é absolutamente um lugar* [...]”. Logo, o Hiperurânio é a imagem do mundo a-espacial do inteligível (do gênero do ser suprafísico)” (2003, p. 141).

¹⁴Igualmente diz Gabriela Araújo: “Segundo Platão, os deuses vivem nas regiões celestes, onde possuem continuamente suas asas, mantendo-as perfeitas. Eles conseguem de modo periódico, em um movimento circular, ir além do próprio céu para contemplar o Hiperurânio, a ‘Planície da Verdade’. Este trajeto realizado pelos deuses é percorrido com extrema facilidade, pois seus carros são levemente conduzidos, por causa da harmonia entre os corcéis da alma dos deuses. Assim, o equilíbrio entre os corcéis torna fácil o ofício do cocheiro. Conforme o filósofo, as regiões celestes contêm: ‘De fato, a essência da efetiva existência que é incolor, amorfa e intangível, com a qual todo o conhecimento verdadeiro está envolvido, contém essa região [...]’ (PLATÃO, *Fédro*, 247c) [...]. Já a vida dos homens é muito diferente, por razão da presença do cavalo ruim, que dificulta o ofício do cocheiro. A alma que seguir da melhor forma um deus, se assemelhando a ele, ergue a cabeça do cocheiro até a região além do céu, e com muito empenho alcança contemplar algumas realidades, antes que o movimento circular as arraste para longe. As demais seguem com anseio de subir e contemplar essas realidades, contudo a força necessária para tal fim é insuficiente, deste modo pendem e são arrastadas no movimento circular. No intuito de ultrapassar umas na frente das outras, onde o auriga não tem domínio sob os seus cavalos, findam se chocando e se pisoteando,

Só as almas puras encontram este caminho de volta, as demais ficam vagando à espera de transmigrar para um novo corpo, para reiniciar o processo de purificação, conforme diz Platão no *Fédon* [Mito do destino das almas]:

Quando os mortos alcançam o lugar a que cada um é conduzido por seu *dáimon*, são primeiramente julgados com base na existência segundo a qual viveram. Aqueles que viveram medianamente vão para o Aqueronte e, embarcados em navios que lhes são destinados, alcançam o lago. Aí passam a habitar e são purificados, recebendo punição por quaisquer injustiças que tenham cometido e recompensas pelas boas ações que sejam do merecimento de cada um [...]. No que toca aos que, durante a existência, se dedicaram a uma profunda vida devota, estes são libertados dessas regiões no interior da Terra como que de prisões; ascendem às suas puras moradas e habitam a superfície da Terra. Desses, todos aqueles que se purificaram suficientemente através da filosofia passam a viver daí por diante inteiramente sem corpos, e se transferem a moradas ainda mais belas cuja descrição não nos é fácil fazer (PLATÃO, 1983, 113-d a 114-c).

E assim chega-se ao último princípio da tradição órfico-pitagórica: dos prêmios ou castigos a serem aplicados às almas, a depender do estado em que se encontram no momento da separação do corpo, justificando assim, para as almas impuras, a necessidade da transmigração para outro corpo para reiniciar o mesmo processo de purificação.

Por fim, outro indício da presença do pensamento órfico-pitagórico em Platão é encontrado em sua famosa “teoria da reminiscência”, a qual pressupõe a transmigração das almas, segundo a qual, a alma, antes de entrar em um corpo, no seu estado originário no Hiperurânio, conheceu e contemplou as Ideias perfeitas, trazendo consigo ideias inatas, que serão recordadas (ou não, a depender de sua condição) durante sua existência aqui na terra, bem como, no caso de transmigrações sucessivas, dos “novos conhecimentos” adquiridos nas experiências vividas aqui, conforme diz no *Fédon*:

Aprender [...] não é outra coisa senão recordar. Se esse argumento é de fato verdadeiro, não há dúvida que, numa época anterior, tenhamos aprendido aquilo de que no presente nos recordamos. *Ora, tal não poderia acontecer se nossa alma não existisse em algum lugar antes de assumir, pela geração, a forma humana* (PLATÃO, 1983, 73a – destaque nosso).

E no *Mênon*:

Sendo a alma imortal e tendo nascido muitas vezes, e tendo visto tanto as coisas <que estão> aqui quanto as <que estão> no Hades, enfim todas as coisas, que não há o que não se tenha aprendido; de modo que não é nada de admirar, tanto em respeito à virtude quanto as demais, ser possível a ela rememorar aquelas coisas que já antes conhecia. Pois sendo a natureza toda congênere e tendo a alma aprendido todas as coisas, nada impede que, tendo <alguém>

diante de tamanho tumulto, resultando na perda de muitas assas” (2015, p. 40). E Anastácio Araújo Júnior: “Na concepção ‘unitária’, a alma é anterior ao corpo, princípio que lhe fornece vida e movimento e tem características contrárias a este, tais como: ser simples, invisível e imortal. Nesse sentido, a alma tem um parentesco, uma finidade com as realidades inteligíveis do mundo das formas, as quais busca incessantemente. A vida humana seria então uma oportunidade de purificação para nos livrarmos dos renascimentos e escaparmos do interminável ciclo das gerações sucessivas ao qual estamos submetidos” (1999, p. 12-13).

rememorado uma só coisa - fato esse precisamente que os homens chamam de aprendizado, essa pessoa descubra todas as outras coisas, se fora corajosa e não se cansar de procurar. Pois, pelo visto, o procurar e o aprender são, no seu total, uma rememoração (PLATÃO, *Mênon*, 81c).

Claro que por conta de sua união com o corpo, considerado por Platão como cárcere ou túmulo, nem sempre a alma consegue recordar plenamente estas ideias existentes em sua memória, o que justifica a ignorância e/ou o engano. Está, por assim dizer, ofuscada pelo corpo.

Enfim, pelo exposto podemos concluir que, no que se refere à doutrina da transmigração das almas, Platão segue em muito a tradição órfico-pitagórica, havendo, portanto, uma apropriação/ressignificação do orfismo-pitagorismo pelo platonismo¹⁵.

Resta-nos averiguar agora qual a relação de tudo isto com o movimento espiritualista moderno nascido nos Estados Unidos e ressignificado na França no século XIX com o nome de espiritismo, notadamente na versão codificada por Allan Kardec.

4 O espiritismo kardeciano: apropriação/ressignificação da doutrina da transmigração das almas da tradição filosófica órfico-pitagórico-platônica

Questão: Como se explica que tantos filósofos antigos e modernos [...] não tenham chegado ao conhecimento da verdade?

Resposta: Esses homens foram os precursores da eterna Doutrina Espírita. Prepararam os caminhos. Eram homens e, como tais, se enganaram [...]. No entanto, mesmo os seus erros servem para realçar a verdade, mostrando o pró e o contra. Ademais, entre esses erros se encontram grandes verdades que um estudo comparativo torna apreensíveis (KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*, II, 2, q. 145)¹⁶.

¹⁵Sobre esta apropriação/ressignificação do orfismo-pitagorismo por parte de Platão, diz Gabrielle Cornelli: “Como parece evidente nas observações mencionadas, a estrutura da argumentação socrática se constrói a partir da referência direta e precisa ao núcleo fundamental da tradição órfico-pitagórica. O fato de Platão se distanciar do sentido original delas, operando sua típica ‘transposição’ para fundamentar sua doutrina das ideias, como afirma Burkert ou Robin, não significa propriamente nada: é óbvio que Platão não pode ser considerado como um simples ‘compilador’, doxógrafo das opiniões dos outros. Mas é também verdade que ele dialoga profundamente com o pensamento de seu tempo. É minha intenção afirmar, contra outras teses, que este diálogo platônico com as tradições religiosas órficas é, pelo menos em parte, mediado exatamente pelo pitagorismo, que já desenvolve, de alguma forma, as tradições religiosas órficas no interior de um certo tipo de *lógos* filosófico, ao qual Platão pode fazer referência no interior de suas argumentações” (2006, p. 51 – tradução nossa).

¹⁶Obra doravante abreviada por *LE*. Obra está escrita em forma de diálogo, onde Allan Kardec pergunta (Questões) e os espíritos respondem.

Não obstante se apresente como uma doutrina nova, é possível notar que entre a doutrina espírita, notadamente no que se refere à questão da transmigração dos espíritos¹⁷, ressignificada no espiritismo kardeciano com o nome de reencarnação, há grande proximidade com a ideia da transmigração das almas da tradição mítico-filosófica, especialmente aquela de linha órfico-pitagórico-platônica.

Antes, porém, de falarmos sobre a doutrina espírita da reencarnação, convém primeiro mostrar qual a concepção de mundo e de homem por ela defendida [sua origem e natureza], como pressupostos para entendermos a necessidade da transmigração dos espíritos em corpos sucessivos, e em que esta consiste.

4.1 A cosmologia/antropologia fundante do espiritismo kardeciano

À primeira vista, a explicação espírita acerca da origem do espírito, o qual está encaixado dentro de uma cosmologia maior, parece se distanciar da tradição órfico-pitagórico-platônica, para quem a alma é um ente incriado, eterno ou co-eterno com os deuses, mais especificamente uma emanção da grande Alma do mundo [macrocosmo]¹⁸, destinada a dar vida a um corpo particular [microcosmo], onde a alma é, pois, uma força [divina] imanente à natureza do cosmo e, dentro deste, do homem, dando-lhe vida e movimento, e se aproximar mais da tradição judaico-cristã, quando, no *Livro dos Espíritos*, Allan Kardec usa abundantemente os termos “Criador”, “criação”, “criada”, etc., para se referir a Deus, sua obra e, dentro dela, a alma.

Entretanto, já no início da referida obra, ao tratar do “conhecimento do princípio das coisas”, diante da indagação “se a matéria existe desde toda a eternidade, como Deus, ou se foi criada por Ele em dado momento?”, responde que “só Deus o sabe” (KARDEC, *LE*, I, 2, q. 21, 1974, p. 81), o que volta a abordar em obra, intitulada “*A Gênese*”¹⁹, onde inicia o tópico sobre “*A Criação Primária*” com a possibilidade de que o mundo sensível não seja obra da criação de Deus, mas eterno ou co-eterno com Ele:

¹⁷Trocamos aqui a expressão “transmigração das almas” por “transmigração dos espíritos”, uma vez que, como veremos mais adiante, para o espiritismo, diferentemente da tradição mítico-filosófica antiga, quem é imortal e transmigra é o espírito e não a alma.

¹⁸A esse respeito, no *Livro dos Espíritos*, quando questionado acerca da definição de alguns filósofos se é a alma “uma centelha anímica emanada do grande Todo”, responde que “não há contradição”, pois, “se pode com acerto dizer, figuradamente, que a alma é uma centelha anímica emanada do grande Todo” (*Ibid.*, *LE*, II, 2, q. 139, p. 139). E mais adiante define o que entende por Alma do mundo, quando, diante da pergunta: “Que se deve entender por alma do mundo?”, responde: “O princípio universal da vida e da inteligência, do qual nascem as individualidades” (*Ibid.*, *LE*, II, 2, q. 144, p. 142).

¹⁹Obra doravante abreviada aqui por *AG*.

Depois de termos considerado o universo sob os pontos de vista gerais da sua composição, das suas leis e das suas propriedades, *podemos estender os nossos estudos ao modo de formação que deu origem aos mundos e aos seres*. Desceremos, em seguida, à criação da Terra, em particular, e ao seu estado atual na universalidade das coisas [...] (KARDEC, AG, VI, 12, p. 99).

Em seguida, explica o “modo de formação que deu origem aos mundos e aos seres”:

Se bem compreendemos a relação, ou, antes, a oposição entre a eternidade e o tempo, se nos familiarizamos com a ideia de que o tempo não é mais do que uma medida relativa da sucessão das coisas transitórias, ao passo que a eternidade é essencialmente una, imóvel e permanente, insuscetível de qualquer medida, do ponto de vista da duração, *compreenderemos que para ela não há começo, nem fim*. Doutro lado, se fazemos ideia exata - embora necessariamente muito fraca - da infinidade do poder divino, compreenderemos como *é possível que o universo haja existido sempre e sempre exista*. Desde que Deus existiu, suas perfeições eternas falaram. *Antes que houvessem nascido os tempos, a eternidade incomensurável recebeu a palavra divina e fecundou o espaço, eterno quanto ela* (Ibid., AG, VI, 13, p. 99).

E continua na defesa da “criação” eterna e continuada dizendo que “efetua-se assim a criação universal. É, pois, exato dizer-se que, sendo as operações da natureza a expressão da vontade divina, Deus há criado sempre, cria incessantemente e nunca deixará de criar” (Ibid., AG, VI, 19, p. 103), a qual desembocará numa “geração espontânea”, como veremos logo mais, ao falarmos do *modus operandi* pelo qual se dá o surgimento dos seres no universo. Mas abordará não só a origem dos seres materiais, mas também dos espíritos, quando, no *Livro dos Espíritos*, ao ser questionado se “os espíritos tiveram princípio, o existem, como Deus, de toda a eternidade?”, responde que

se não tivessem tido princípio, seriam iguais a Deus [...]. Quanto, porém, ao modo por que nos criou e em que momento o fez, nada sabemos. Podes dizer que não tivemos princípio, se quiseres com isso significar que, sendo eterno, *Deus há de ter sempre criado ininterruptamente*. Mas, quando e como cada um de nós foi feito, repito-te, nenhum o sabe: aí é que está o mistério” (KARDEC, LE, II, 4, q. 78, p. 110 – destaque nosso)²⁰.

Já quanto à natureza dos espíritos, quando perguntado se “os espíritos são formados do elemento inteligente, como os corpos inertes o são do elemento material?”, responde: “Evidentemente. *Os espíritos são a individualização do princípio inteligente*, como os corpos são a individualização do princípio material” (Ibid., LE, II, 4, q. 79, p. 110 – destaque nosso). Os espíritos são, pois, emanações (individualizações) do grande Princípio inteligente supremo, como em Platão as almas individuais são emanações da grande Alma do mundo.

²⁰Igualmente, mais adiante, frente à pergunta se “a criação dos espíritos é permanente, ou só se deu na origem dos tempos?”, responde: “É permanente. Quer dizer: Deus jamais deixou de criar” (KARDEC, LE, II, 4, q. 80, p. 110

Seja como for, depois de dizer que “Deus, espírito e matéria constituem o princípio de tudo o que existe, a trindade universal” (*Ibid.*, *LE*, I, 2, q. 27, p. 83), à semelhança de Platão passa a falar abertamente de dois mundos opostos, regidos por um “princípio inteligente do Universo” (*Ibid.*, *LE*, I, 2, q. 23, p. 82), sem, no entanto, definir a origem ontológica destes “mundos”, conforme vemos na resposta à Questão 28:

Um fato patente domina todas as hipóteses: vemos matéria destituída de inteligência e vemos um princípio inteligente que independe da matéria. A origem e a conexão destas duas coisas nos são desconhecidas. *Se promanam ou não de uma só fonte; se há pontos de contacto entre ambas; se a inteligência tem existência própria, ou se é uma propriedade, um efeito; se é mesmo, conforme à opinião de alguns, uma emanção da Divindade, ignoramos.* Elas se nos mostram como sendo distintas; daí o considerarmo-las formando os dois princípios constitutivos do Universo. Vemos acima de tudo isso uma inteligência que domina todas as outras, que as governa, que se distingue delas por atributos essenciais. A essa inteligência suprema é que chamamos Deus (*Ibid.*, *LE*, I, 2, q. 28, p. 85 – destaque nosso).

Igualmente em relação à formação do Universo físico, na Questão 39, mais uma vez não afirma categoricamente, apenas levanta a hipótese de que “tudo o que a esse respeito se pode dizer e podeis compreender é que *os mundos se formam pela condensação da matéria disseminada no Espaço*” (*Ibid.*, *LE*, I, 3, q. 39, 1974, p. 90 - destaque). Ao que completa dizendo que “no começo tudo era caos; os elementos estavam em confusão. Pouco a pouco cada coisa tomou o seu lugar. Apareceram então os seres vivos apropriados ao estado do globo” (*Ibid.*, *LE*, I, 3, q. 43, p. 91). E assim, diz em outra obra: “cada espécie foi aparecendo, à proporção que o globo adquiria as condições necessárias à existência delas” (KARDEC, *AG*, X, 1, p. 167).

Mais do que isto, quanto ao *modus operandi*, diz que a formação dos seres no universo se dá de forma espontânea, quando o universo, impregnado pelo “princípio inteligente”, mediante um “princípio ou fluído vital”²¹, tal qual a “Alma do mundo” no platonismo ou as “razões seminais” no estoicismo, faz surgir os seres no decurso dos tempos, dando forma à matéria informe [caos primordial]. É o que vemos nas Questões 44 a 46:

Durante anos se conservam germens de plantas e de animais, que não se desenvolvem senão a uma certa temperatura e em meio apropriado. Têm-se visto grãos de trigo germinarem depois de séculos. Há, pois, nesses germens um princípio *latente* de vitalidade, que apenas espera uma circunstância favorável para se desenvolver. O que diariamente ocorre debaixo das nossas vistas, por que não pode ter ocorrido desde a origem do globo terráqueo? *A formação dos seres vivos, saindo eles do caos pela força mesma da Natureza, diminui de alguma coisa a grandeza de Deus? Longe disso: corresponde melhor à ideia que fazemos do seu poder a se exercer sobre a infinidade dos mundos por meio de leis eternas.* Esta teoria

²¹“Princípio ou fluido vital” é a força ou o meio mediante o qual o “Princípio Inteligente – Deus” age no mundo, impregnando sua marca no ser e/ou no vir-a-ser, conforme veremos detalhadamente, mais adiante.

não resolve, é verdade, a questão da origem dos elementos vitais; mas Deus tem seus mistérios e pôs limites às nossas investigações (*Ibid.*, *LE*, I, 3, q. 45, p. 92 – destaque nosso).

E assim como em tudo no universo [macrocosmo], também é no homem [microcosmo], conforme diz ao responder à questão se “a espécie humana se encontrava entre os elementos orgânicos contidos no globo terrestre?”. Responde que “Sim, e veio a seu tempo. Foi o que deu lugar a que se dissesse que o homem se formou do limo da terra” (*Ibid.*, *LE*, I, 3, q. 45, p. 92), e não de uma criação *ex nihilo*, como a criação de Adão na tradição judaico-cristã.

Assim sendo, o conceito de criação propriamente dito parece não caber na cosmologia espírita, uma vez que criação significa fazer surgir a partir do nada ou sem precisar de nada (*ex nihilo*) e não condensar, plasmar ou formar a partir de matéria caótica pré-existente, e nisso a cosmologia espírita parece se aproximar em muito da tradição mítico-filosófica antiga, notadamente daquela platônica.

Seja como for, o certo é que de sua visão dualista de mundo (cosmologia) deriva uma concepção tricotômica de homem (antropologia), visto como um composto de três substâncias distintas: corpo, alma e espírito.

4.2 Transmigração dos espíritos como sinônimo de “reencarnação” no espiritismo

No tópico anterior vimos que na visão tricotômica de homem apreçoada pelo espiritismo há, na natureza humana, um elemento de natureza superior chamado espírito [princípio inteligente] que, que através de um elemento intermediário - a alma [princípio ou fluido vital]²²,

²²Embora na sua longa Introdução ao *Livro dos Espíritos* Kardec inicie por uma visão tripartida de alma, ao falar de três tipos de almas, à moda grega, que também divide a alma em três tipos, a saber, vegetativa, sensitiva e racional: “Poder-se-ia, assim, dizer, e talvez fosse o melhor, a *alma vital* - indicando o princípio da vida material; a *alma intelectual* - o princípio da inteligência; e a *alma espírita* - o da nossa individualidade após a morte [...]. De conformidade com essa maneira de falar, a *alma vital* seria comum a todos os seres orgânicos: plantas, animais e homens; a *alma intelectual* pertenceria aos animais e aos homens; e a *alma espírita* somente ao homem” (*Ibid.*, *LE*, *Introd.*, p. 19-20). Entretanto, mais adiante, volta a defender uma visão tricotômica de homem na qual apenas o último - o espírito - é verdadeiramente imortal, sendo a alma (vegetativa/sensitiva) apenas intermediária, a que chama de “fluido”, entre o corpo e o espírito: “Deus, espírito e matéria constituem o princípio de tudo o que existe, a trindade universal. Mas, ao elemento material se tem que juntar o fluido universal, que desempenha o papel de intermediário entre o espírito e a matéria propriamente dita, por demais grosseira para que o espírito possa exercer ação sobre ela [...]. Esse fluido universal, ou primitivo, ou elementar, sendo o agente de que o espírito se utiliza, é o princípio sem o qual a matéria estaria em perpétuo estado de divisão e nunca adquiriria as qualidades que a gravidade lhe dá” (*Ibid.*, *LE*, I, 2, q. 27, p. 83 – destaque nosso). A alma, pois, enquanto “fluido ou princípio vital”, está impregnada na matéria (cf. *Ibid.*, *LE*, I, 4, q. 70, p. 104), seja ao nível do universo [uma espécie de Alma do mundo da tradição grega, que Allan Kardec chama de “fluido magnético ou elétrico” (*Ibid.*, *LE*, I, 4, q. 65, p. 103)], seja a nível do homem. E como tal, enquanto intermediária entre o corpo e o espírito, é uma espécie de “quase matéria”, uma “quintessência” (para além dos quatro elementos: terra, água, ar e fogo), ou uma “matéria etérea ou sutil”, enfim, um “invólucro semimaterial” da alma, que Allan Kardec chama de “perispírito” (*Ibid.*, *LE*, II, 1, q. 93-94, p. 115). Em síntese, quando o espírito está encarnado, ele é alma (mortal), quando ele está desencarnado, ele é espírito (imortal), ou seja, “as almas não são senão os Espíritos. Antes de se unir ao corpo, a

dá vida e movimento ao corpo. Resta saber porque o espírito, sendo ele de natureza superior, necessita encarnar em um corpo para evoluir rumo à perfeição. E, necessariamente, transmigrar por mais de um corpo até atingir o suposto “estado de perfeição”. Ora, sendo ele de natureza inteligível [inteligência], não seria por si perfeito? ou é ele imperfeito, já que evoluir não pode se dar senão num movimento da imperfeição à perfeição?

Na obra *O Evangelho Segundo o Espiritismo*²³, em tópico intitulado “É um castigo a encarnação e somente os espíritos culpados estão sujeitos a sofrê-la?”, diz apenas que

a passagem dos espíritos pela vida corporal é necessária para que eles possam cumprir, por meio de uma ação material, os desígnios cuja execução Deus lhes confia. É-lhes necessária, a bem deles, visto que a atividade que são obrigados a exercer lhes auxilia o desenvolvimento da inteligência [...]. É uma tarefa que Deus lhes impõe, quando iniciam a vida, como primeira experiência do uso que farão do livre arbítrio. Os que desempenham com zelo essa tarefa transpõem rapidamente e menos penosamente os primeiros graus da iniciação e mais cedo gozam do fruto de seus labores. Os que, ao contrário, usam mal da liberdade que Deus lhes concede retardam a sua marcha e, tal seja a obstinação que demonstrem, podem prolongar indefinidamente a necessidade da reencarnação e é quando se torna um castigo (KARDEC, *ESE*, IV, q. 25, p. 76).

Portanto, diferentemente do platonismo, para quem a necessidade da encarnação da alma se dá como uma pena por alguns crimes cometidos no seu “estado primeiro de inocência” a ponto de perder suas asas e cair num corpo, e se necessário for em mais de um corpo sucessivamente para purgar seus erros primitivos, conforme vimos na narrativa do “mito dos cavalos alados”, no espiritismo, a princípio, a encarnação se dá por um desígnio de Deus, e só num segundo momento, ou a partir da segunda encarnação (reencarnação), como prova ou expiação, conforme diz Kardec, também, no *Livro dos Espíritos*, quando, diante da pergunta: “Qual o objetivo da encarnação dos espíritos?”, responde:

Deus lhes impõe a encarnação com o fim de fazê-los chegar à perfeição. Para uns, é expiação; para outros, missão. Mas, para alcançarem essa perfeição, *têm que sofrer todas as vicissitudes da existência corporal*: nisso é que está a expiação. Visa ainda outro fim a encarnação: o de pôr o Espírito em condições de suportar a parte que lhe toca na obra da criação (KARDEC, *LE*, II, 2, q. 132, p. 136)²⁴.

Aliás, momentos antes, quando diante da pergunta se “não podia Deus isentar os espíritos das provas que lhes cumpre sofrer para chegarem à primeira ordem?”, responde que “se Deus os houvesse criado perfeitos, nenhum mérito teria para gozar dos benefícios dessa

alma é um dos seres inteligentes que povoam o mundo invisível, os quais temporariamente revestem um invólucro carnal para se purificarem e esclarecerem” (*Ibid.*, *LE*, II, 2, q. 134, p. 137).

²³Obra doravante abreviada por *ESE*.

²⁴E diante da pergunta “Qual o fim objetivado com a reencarnação?”, responde: “Expiação, melhoramento progressivo da Humanidade” (KARDEC, *LE*, II, 4, q. 167, p. 157).

perfeição. Onde estaria o merecimento sem a luta?” (*Ibid.*, *LE*, II, 1, q. 119, p. 129). Ou seja, trata-se de uma deficiência (a ignorância) ontológica, querida por Deus. Não um mal físico ou moral em si, mas uma deficiência, um déficit de conhecimento. Daí dizer que, desde o seu princípio, ou por natureza, os espíritos são imperfeitos, ou “todos são criados simples e ignorantes e se instruem nas lutas e tribulações da vida corporal” (*Ibid.*, *LE*, II, 2, q. 133, p. 137)²⁵. Kardec mais adiante explica em que consiste esta imperfeição da ignorância, ao dizer que “para o Espírito, como para o homem, também há infância. Em sua origem, a vida do espírito é apenas instintiva. Ele mal tem consciência de si mesmo e de seus atos. A inteligência só pouco a pouco se desenvolve” (*Ibid.*, *LE*, II, 4, q. 189, p. 166). Daí a necessidade de evoluírem, mediante reencarnações. E nisso o espiritismo se distancia da tradição platônica que, ao contrário, defende que o homem nasce ou traz impresso na alma (inatismo) todo conhecimento contemplado no Mundo das ideias, o qual será usado por ele na encarnação, conforme veremos mais adiante ao falarmos da teoria da reminiscência platônica. A ignorância em Platão se dá por fatores externos, pela ofuscação da alma pelo corpo, por exemplo.

Seja como for, ambas as correntes de pensamento, tradição mítico-filosófica antiga e espiritismo, pregam que a purificação da alma/espírito não se concretiza em uma única encarnação, mas por meio de várias existências terrenas, que lhes servem de instrumento na depuração espiritual (cf. *Ibid.*, *LE*, II, 4, q. 189-196, p. 166-170), com a diferença de que enquanto a tradição mítico-filosófica admitia a transmigração de almas entre corpos não humanos (metempsicose), no espiritismo a reencarnação do espírito acontece exclusivamente em corpos humanos, considerando a metempsicose um retrocesso no processo de evolução do espírito²⁶.

Já quanto ao remédio, ou o meio ou instrumento que os espíritos encarnados dispõem para enfrentar as adversidades deste mundo e progredir em seu processo evolutivo, como vimos em citação anterior, *O Evangelho Segundo o Espiritismo* diz que tal tarefa lhes é dada “como primeira experiência do uso que farão do livre-arbítrio” (KARDEC, *ESE*, IV, q. 25, p. 76), o que pressupõe que seja uma tarefa do próprio espírito, enquanto inteligência ou razão, mediante um processo racional ascético-moral de autoconsciência, ou, como está no *Livro dos Espíritos*, “são os próprios espíritos que se melhoram e, melhorando-se, passam de uma ordem inferior

²⁵Igualmente antes Kardec já havia dito: “Deus criou todos os espíritos simples e ignorantes, isto é, sem saber” (KARDEC, *LE*, II, 1, q. 115, p. 128).

²⁶Junito Brandão assim explica a diferença entre reencarnação e metempsicose: “A primeira diz-se em grego (*enzomátosis*), ‘enzomatose’, é a reassunção pela alma de um novo corpo humano; a segunda (*metempsychosis*), ‘metempsicose’, é a transmigração da alma para um outro corpo, humano, animal ou até mesmo vegetal” (1991, vol. II, p. 160).

para outra mais elevada” (KARDEC, *LE*, II, 1, q. 114, p. 127); E nisto o espiritismo volta a se aproximar da tradição socrático-platônica²⁷. Bem como, a exemplo de Platão, faz uma gradação hierárquica de espíritos a serem encarnados, segundo o grau de perfeição ou de imperfeição, a que chama de “estado de erraticidade”, uma espécie de “tipologia de espíritos”, em número infinito, dos quais chega a descrever apenas dez principais tipos, divididos em três ordens: “espíritos imperfeitos, bons espíritos e espíritos puros” (cf. *Ibid.*, *LE*, II, 1, q. 102 a 113, p. 121-127). De uma forma ou de outra, todos alcançarão a perfeição, enveredando assim pela chamada “salvação universalista”, onde não há lugar para uma “massa de condenados” no inferno, como defende o cristianismo. Isto é o que vemos quando, diante da pergunta “haverá espíritos que se conservem eternamente nas ordens inferiores?”, responde “Não; todos se tornarão perfeitos” (*Ibid.*, *LE*, II, 1, q. 116, p. 128²⁸, . Ou seja: necessariamente todos chegarão à perfeição ainda que demoradamente.

Por fim, o espiritismo se aproxima também do platonismo quanto à questão do inatismo/reminiscência, quando, a exemplo de Platão, os espíritos trazem e conservam em si certas ideias inatas, para as quais é dedicado um tópico inteiro no *Livro dos Espíritos*, intitulado “*Ideias Inatas*”, onde, de forma sintética, assim Kardec resume o que defende a esse respeito:

Pergunta: Não é, então, quimérica a teoria das ideias inatas?

Resposta: Não; os conhecimentos adquiridos em cada existência não mais se perdem. Liberto da matéria, o espírito sempre os tem presentes. Durante a encarnação, esquece-os em parte, momentaneamente; porém, a intuição que deles conserva lhe auxilia o progresso. Se não fosse assim, teria que recomeçar constantemente. Em cada nova existência, o ponto de partida, para o Espírito, é o em que, na existência precedente, ele ficou (*Ibid.*, *LE*, II, 4, q. 218, p. 180)²⁹.

Mais do que conservar ideias impressas em si, a exemplo de Platão, admite-se que, em suas reencarnações sucessivas, os espíritos recordam os conhecimentos adquiridos nas vidas passadas, não totalmente, mas, pelo menos parcialmente, o que se costuma chamar no espiritismo de “véu do esquecimento”, uma vez que o corpo, considerado como cárcere ou túmulo, não deixaria lembrar tudo que a alma havia acumulado na sua memória, nascendo aí

²⁷Aqui, só a título de informação complementar, o espiritismo se aproxima do pelagianismo, movimento herético no seio do cristianismo do século IV, muito combatido por Santo Agostinho, por defender que o homem, por esforços próprios e mediante a razão, pode alcançar a perfeição moral/salvação, sem necessitar do auxílio da Graça divina. Sobre a aproximação entre o espiritismo e o pelagianismo, cf. SIMÓN PAZ, 2008.

²⁹Com isto o espiritismo discorda do chamado “aniquilacionismo”, para quem, com a morte do homem, a alma voltaria a seu estado original, sendo deletadas todas as experiências vividas em conjunto com o corpo. Ao contrário, a doutrina espírita defende que com a morte o espírito mantém a sua individualidade, sua personalidade, sua experiência acumulada, a qual dará continuidade nas encarnações futuras (cf. *Ibid.*, *LE*, II, 2, q. 149-152, p. 147-149).

o engano³⁰. E aqui, a exemplo de Platão, o espiritismo passa a ter uma visão negativa do corpo, considerando-o como um castigo, um cárcere, e a pregar o desejo de se libertar dele o mais rápido possível. É o que vemos quando, ao falar da separação do corpo no momento da morte, Kardec diz que “os sofrimentos que algumas vezes se experimentam no instante da morte são um gozo para o Espírito, que vê chegar o termo do seu exílio” (*Ibid.*, *LE*, II, 2, q. 155, p. 150). E, mais adiante, diante da pergunta “como considera o espírito o corpo de que vem de separar-se?”, responde: “Como veste imprestável, que o embaraçava, sentindo-se feliz por estar livre dele”. E mais ainda: “Que sensação lhe causa o espetáculo do seu corpo em decomposição?”. Responde: “Quase sempre se conserva indiferente a isso, como a uma coisa que em nada o interessa” (*Ibid.*, *LE*, II, 6, q. 309, p. 237). O que é uma contradição, pois, como vimos em momentos anteriores, por um lado o corpo é condição *sine qua non* no processo de purificação do espírito, haja vista defender que ele precisa necessariamente se encarnar para evoluir, e mais de uma vez, já que uma única encarnação não é suficiente, e por outro é visto “como veste imprestável, que o embaraçava, sentindo-se feliz por estar livre dele” (*Ibid.*), dando mais ênfase à morte do que a reencarnação, a ponto de dizer que “pela morte, o espírito sai da escravidão; pelo nascimento, entra para ela” (*Ibid.*, *LE*, II, 7, q. 339, p. 247). Ou seja, “para o espírito, a morte do corpo é uma espécie de renascimento, a reencarnação é uma espécie de morte, ou antes, de exílio, de clausura” (*Ibid.*, *LE*, II, 7, q. 340, p. 247).

Considerações finais

Diante do exposto, renovamos nossa hipótese, levantada no início deste artigo, de que, no tocante ao problema da suposta transmigração das almas/espíritos, há uma grande aproximação entre a tradição mítico-filosófica antiga e o espiritismo kardeciano, na modernidade, havendo entre ambos mais convergências que divergências, ou uma ressignificação de ideias antigas, acrescentando a estas coisas novas, modernizando um princípio antigo. Ou, como bem dizem Paulo Cavalcante e Maria Gnerre, “o que a doutrina espírita faz é trazer estes ensinamentos em uma nova linguagem e sob um ponto de vista mais moderno” (2014, p. 9).

Ou seja, a reencarnação no espiritismo leva o homem a desenvolver uma fé racionalizada nos moldes platônicos, que considera sua passagem na Terra como um momento de aprendizado e melhoramento; seu pensar volta-se para uma vida além túmulo que se torna

³⁰Para uma visão mais detalhada dos níveis de lembranças/esquecimentos dos espíritos encarnados cf. o *Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, notadamente o tópico “*Recordação da Existência Corpórea*”, Parte II, 6, q. 304 a 319, p. 235-240.

para ele sua verdadeira vida de princípios éticos. Ou, como afirma Goldschmidt, “esta é a razão pela qual nós estamos adstritos, após visões imperfeitas incessantemente renovadas, as descensões parciais e que precisamos constantemente repetir” (*apud* CASORETTI, 2011, p. 68).

Todavia, o misticismo platônico sobre a purificação da alma é o ponto de reflexão da ciência e da filosofia espírita. Da ciência por permitir que não fique somente em uma contemplação paralisada e sem lógica, enquanto pela filosofia possa haver um processo que busca as razões que a ciência não pode explicar no trato da evolução da alma e do conhecimento. Assim, à medida que o espírito conhece, é convertido à moralidade e a uma consciência humanística de espiritualidade, ou seja, é capaz de purificar a si mesmo pelo conhecimento.

Outrossim, ressaltamos que a ideia da transmigração das almas, que tem seus princípios ancestrais nos movimentos míticos pré-filosóficos antigos, depois absorvidos pela filosofia grega, notadamente na vertente pitagórico-platônica, e daí se expandido por toda história da filosofia/teologia, se faz presente, na atualidade, também em diversos movimentos filosófico-religiosos, além do espiritismo kardeciano. Mas não só nos meios filosóficos-religiosos, também em outras áreas do conhecimento, como por exemplo no mundo da neociência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Augusto César Dias de. *O espiritismo, “essa loucura do século XIX”*: ciência, filosofia e religião nos escritos de Allan Kardec. Juiz de Fora: UFJF, 2014, 288 f. Tese (Doutorado em Ciência da Religião).

ARAÚJO, Gabriela Messias. Harmonia entre os corcéis no diálogo *Fedro* de Platão. *Polymatheia*, v. 8, n 12, p.35-48, 2015.

ARAÚJO JÚNIOR, Anastácio Bordes de. *Platão e Freud: duas metáforas da alma humana*. Recife: UFPE, 1999, 122 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia).

ARAÚJO JÚNIOR, João Alves; REDYSON, Dayve. Platão e o papel do Demiurgo na geração da vida cósmica. *Religare*, v. 7, n. 1, p. 72-80, 2010.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1991. vol. II.

BRITO, Rodrigo Pinto. A teogonia de Ferécides de Syros e o ambiente cultural do porto heleno-fenício de Syros: um exercício em teoria e metodologia de história. *Revista Prometeus*, Ano 7, n. 15, 2014.

CASORETTI, Anna Maria. *A origem da alma: do orfismo a Platão*. *Revista Pandora Brasil*, n. 5, 2011. Disponível em:

http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/anna_maria_casoretti.pdf. Acesso em 16/10/2020

CAVALCANTE, Paulo Ferreira; GNERRE, Maria Lucia Abaurre. Transmigração da alma e reencarnação: uma análise comparativa entre o hinduísmo e o espiritismo. *Diversidade Religiosa*, v. 1, n.1, 2014.

CORNELLI, Gabrielle. Metempsychosis y anamnesis: el diálogo platónico con las contradicciones religiosas de su tiempo. *Limes*, n. 18, p. 47-59, 2006.

DAMACENO, Marcos Deyvinson F. Ferécides de Siro e sua teocosmogonia. *O Manguzal*, v. 1, n. 1, p. 111-122, 2017.

KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*: princípios da doutrina espírita. 34 ed. Tradução de Guillon Ribeiro. Brasília: FEB, 1974.

KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o espiritismo*: com explicações das máximas morais do Cristo em concordância com o espiritismo e suas aplicações às diversas circunstâncias da vida. 131 ed. Tradução de Guillon Ribeiro. Brasília: FEB, 2013a.

KARDEC, Allan. *A gênese*: os milagres e as predições segundo o espiritismo. 53 ed. Tradução de Guillon Ribeiro. Brasília: FEB, 2013b.

MONDOLFO, Rodolfo. *O pensamento antigo*. Tradução de Lycurgo Gomes da Motta. São Paulo: Mestre Jou, 1971. vol. I.

MONTENEGRO, Maria Aparecida de Paiva. *Peri physeos psyches*: sobre a natureza da alma no *Fedro* de Platão. *Kriterion*, v. 51, n.122, p. 1-14, 2010.

PEGORARO, Evandro; SOUZA, Juliano de. Concepção e imortalidade da alma em Platão. *Mirabilia*, n. 11, p. 18-59, 2010.

PLATÃO. *Diálogos*: o Banquete, Fédon, Sofista, Político. 2 ed. Tradução de Jorge Paleikat *et al.* São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção os Pensadores).

PLATÃO. *Diálogos*: Leyes (libros VII-XII). Introducción, traducción y notas de Francisco Lisi. Madrid: Editorial Gredos, 1999. vol. Ix, 365 p.

PLATÃO. *Fedro ou Da beleza*. Tradução e notas de Pinharanda Gomes. Lisboa: Guimarães Editora, 2000.

PLATÃO. *Mênnon*. Tradução de Maura Iglésias. Texto estabelecido e anotado por John Burnet. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2001. 117 p.

PLATÃO. *Timeu-Crítias*. Tradução de Rodolfo Lopes. Coimbra: CECH, 2011.

REALE, Giovanni; ANTESERI, Dário. *História da filosofia antiga*: 1. das origens a Sócrates. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2003.

SIMÓN PAZ, Simone. *Pelagio, um monge do séc. V e a doutrina dos espíritos*: aproximações entre a doutrina pelagiana e a doutrina espírita. [S. l.]: Faculdade Doutor Leocádio José Correia, 2008. Monografia (Curso de Teologia Espírita).

SPINELLI, Miguel. A tese pitagórico-platônica da *metempsychose* enquanto “teoria genética” da antiguidade. *Educação e Filosofia*. Uberlândia, v. 27, n. 54, p. 731-754, 2013.